

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

EXPERIMENTAÇÕES METODOLÓGICAS ENTRE FOTOGRAFIA E CIDADE: O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO MINHA CASA, MINHA VIDA.

FOTOGRAFIA: IMAGENS E IMAGINÁRIOS DE ARQUITETURAS
E ESPAÇOS URBANOS

COSTA, Bernardino Luciano
IAU-USP São Carlos
lbcosta45@gmail.com

SCHENK, Luciana Bongiovanni Martins
IAU-USP São Carlos
lucianas@sc.usp.br

Experimentações metodológicas entre fotografia e cidade: o processo de ocupação do Minha Casa, Minha Vida.

RESUMO

Duas ações do Programa Habitacional do Governo Federal, implantadas com um intervalo de aproximadamente 05 anos, vem sendo objeto de pesquisa tendo como orientação a produção fotográfica como elemento de aproximação, sensibilização e reelaboração visual, pautado por referências fotográficas contemporâneas e pela produção teórica sobre a questão da moradia e processos de urbanização. Resultante de questões comuns aos pesquisadores Luciano Bernardino da Costa e Luciana Bongiovanni Martins Schenk, ambos do curso de Arquitetura e Urbanismo do IAU-USP São Carlos, a pesquisa reúne um grupo de quatro estudantes de graduação vinculados ao Programa Unificado da USP, além de mais três alunos que participaram de uma optativa em fotografia de urbana. No trabalho que estamos desenvolvendo procura-se utilizar a fotografia não somente como documento visual, mas como procedimento de sensibilização dos alunos em relação à paisagem, aos modos de morar e de socialização para, em um segundo momento, identificar categorias que permitam o aprofundamento sobre a questão concomitante à elaboração de um discurso visual. Tal proposição requer um constante equilíbrio entre abordagem fotográfica e questões urbanas e de paisagem, promovendo com isso uma revisão metodológica ao deslocar o eixo da pesquisa para a produção de imagens e, posteriormente, a compreensão a partir do campo teórico do espaço urbano. Nesse sentido, a relação texto-imagem e edição fotográfica tem sido experimentada e vêm-se apresentando como fundamental perspectiva na pesquisa. Neste artigo apresentamos as fundamentações teóricas, a metodologia que estamos desenvolvendo, assim como resultados preliminares da experimentação entre cidade, fotografia, texto e reflexão teórica.

Palavras-chave: programa minha casa minha vida, ocupação periférica, fotografia, fotografia contemporânea, paisagem e repetição, São Carlos.

Methodological Experimentation between photography and city: the process of occupation of My House, My Life

SUMMARY

Two actions of the Federal Government Housing Programs implanted within an interval of approximately 5 years have been the object of research in which the orientation has been the photographic production as an element of proximity, awareness and visual re-elaboration, guided by contemporary photographic references and the theoretical production on the housing issue and urbanization processes. Resultant of issues common to researchers Luciano Bernardino da Costa and Luciana Bongiovanni Martins Schenk, both from the Architecture and Urbanism course of IAU-USP São Carlos, the research unites a group of four undergraduate students linked to the Unified Program of USP, in addition to three students who participated in an elective in urban photography. In the work we are doing we try to use photography not only as a document, but as awareness procedure of students in relation to the landscape, to the ways of living and socialization for, in a second stage, identify categories that allow the deepening of the concomitant question of the development of a visual discourse. This proposition requires a constant balance between photographic approach and urban issues and landscape, promoting with this a methodological review to shift the axis of the research for the production of images and subsequently the understanding of the theoretical field of the area. In this sense, the photographic image and text-editing relationship has been tried and they have been presenting themselves as a fundamental perspective in research. In this communication we intend to present the theoretical foundations, the methodology we are developing, as well as preliminary results of the trial between the city, photography, text and theoretical reflection.

Key Words: program my house my life, peripheral occupation, photography, contemporary photography, landscape and repetition, San Carlos

QUADRO 1: URBANIZAÇÃO, URBANISMO, ESPAÇO URBANO

Índices urbanísticos colhidos pelo Censo nas últimas décadas mostram que a rede urbana brasileira vem passando por mudanças significativas desde a década de 1980. A despeito da evidência de diminuição do ritmo de crescimento da população brasileira, a população ainda cresce, e vem ocupando novos espaços no território.

A revisão do Plano Diretor da cidade de São Carlos, realizada no ano de 2012 pelo FUSP/PMSC, (Fundação Universidade de São Paulo e Prefeitura do Município de São Carlos), os Censos de 2000 e de 2010 reafirmam esse processo; a taxa de crescimento populacional do Brasil alterou-se de 1,63 % em 2000 para 1,17 % em 2010, enquanto a da cidade de São Paulo teve números mais expressivos na diminuição, 0,96% em 2000, e 0,75% em 2010. Contudo, a participação do Estado de São Paulo no total da população nacional vem se mantendo em torno de 21%, e a manutenção deste patamar associa a queda no ritmo de crescimento na metrópole e aumento do crescimento nas cidades do interior.

São Carlos teve precoce alteração em relação à passagem do modelo agrário relacionado à produção agrícola para o industrial. Mesmo antes da instalação da política nacional de desconcentração da indústria, ocorrida no Plano Nacional de Desenvolvimento, o II PND da década de 70, a cidade apresentava iniciativas por parte da elite na implantação de bases industriais importantes em termos nacionais.

Em 1962 é realizado o primeiro Plano Diretor da cidade, que não foi implantado; em 1971 acontece o Plano Diretor de Desenvolvimento Integral, o PDDI, que também não alcança o cotidiano da cidade; grosso modo são processos comuns à época, nos quais é possível visualizar lado a lado, a peça técnica produzida por especialistas, e a impossibilidade política de sua aprovação. Finalmente, em 2005, seria produzido em processo participativo e aprovado na Câmara de Vereadores o Plano Diretor da Cidade de São Carlos, PDMSC, que regularia o desenvolvimento urbano nos dez anos seguintes. Atualmente está em curso a revisão prevista pelo Estatuto das Cidades, (2001).

Historicamente, recortam-se quatro momentos no processo de urbanização da cidade: até a década de 50, quando a cidade manteve sua quadrícula original, desenhada ortogonalmente, (sentido Norte – Sul, Leste – Oeste, a despeito das declividades e cursos de água). Um segundo momento de ampliação, entre as décadas de 50 a 70, quando da chegada das Universidades e início das atividades industriais. As indústrias se consolidavam em meio à malha urbana e as classes trabalhadoras, de modo geral, terminavam por ocupar as imediações das fábricas. Um terceiro momento, no qual se intensifica o processo de periferização da cidade, entre as décadas de 70 e 90, fortemente ancorado no uso dos

transportes sobre rodas. Finalmente, o quarto momento, que vem ocorrendo desde a década de 90 até os dias atuais, e que reúne qualidades socioambientais particulares.

A periferia das cidades sofreu alteração de registro nessas décadas. Fenômeno levantado enquanto produção social por diferentes autores, (MARICATO, 2000; VILAÇA, 2004; SPÓSITO, 2004; SANTOS, 2008), a periferia da atualidade modula diferentes apropriações que não mais as associadas apenas ao baixo poder aquisitivo e à moradia precária: *as periferias são muitas*, e São Carlos construiu ao longo desses anos um claro fenômeno de segregação sócio espacial, conforme apontado pelo Plano Diretor de 2005, (fato este reiterado pela revisão da FUSP /PMSC de 2012: ao Norte estão os condomínios fechados e a maior e melhor infra estrutura instalada, ao Sul encontra-se imenso passivo sócio ambiental que envolvem vulnerabilidades sociais associadas à fragilidades ambientais físicas).

O território investigado se inscreve nesse contexto, estando o processo de Revisão do Plano Diretor na mira dos empreendedores imobiliários. A revisão realizada pela FUSP/PMSC foi apresentada e rejeitada pela atual gestão da cidade, que iniciou novo processo de revisão. O que se assiste é o sobressair da força de ação dos loteadores e da especulação imobiliária na ordenação urbana e o resultado esperado, já em franca produção, é o de uma cidade espraiada, com o crescimento dos chamados vazios urbanos, em ocupação de áreas ambientalmente frágeis.

Contudo, é importante ressaltar que a produção dessa forma de espacialidade periférica e desigual não é apenas fruto de pressões do Mercado. Decisões federais, consubstanciadas pelo Programa Minha Casa Minha Vida participam dessa construção, escolhendo, para sua viabilização financeira, terras baratas.

Um dos agentes de maior impacto na alteração do território da cidade nos últimos anos é algo que vem sendo revelado não apenas como “parceria” público-privada, mas, propriamente: *uma fronteira de indistinção entre as formas de produção destinadas à produção da habitação de interesse social e aquelas voltadas para a habitação de mercado, formando uma zona intermediária híbrida – a habitação social de mercado.* (SHIMBO & LOPES, 2012:3).

A dinâmica urbana de implantação de Habitação de Interesse Social, (HIS), especialmente fruto do Programa Minha Casa Minha Vida realizada na cidade de São Carlos, conflita com o zoneamento proposto no PDMSC de 2005 para a região sul da cidade, na medida em que o zoneamento estabelecia coeficientes mais baixos de ocupação para a proteção da zona: essas áreas apresentam terrenos colapsáveis e de alto risco de contaminação para o lençol freático em um setor considerado de proteção e conservação, (Recarga do Aquífero Guarani)..

Em São Carlos, a disposição dos empreendimentos no território apresenta a faixa 1 do PMCMV na parte sul da cidade. A proximidade do Bairro Cidade Aracy, acumula carências;

olhar as cartografias e documentos é constatar ausências de infraestruturas e espaços públicos qualificados. Fragilidades ambientais superpostas, físicas e sociais.

O Jardim Zavaglia e o Conjunto Habitacional Eduardo Abdelnur, resultados concretos do Programa Minha Casa Minha Vida, compartilham esse território, embora existam entre eles vazios urbanos. Em outras palavras, suas implantações não são contíguas, há, entre esses bairros, e entre eles e o Cidade Aracy, porções de terras que permanecem sob a forma de glebas, à espera de parcelamento urbano.

Em um modelo de capitalismo globalizado, de parcerias público-privadas, a edificação de tais empreendimentos segue uma racionalidade financeira que o justifica. A organização das moradas, as estratégias de produção em larga escala, o desenvolvimento de novas tecnologias construtivas remonta uma lógica de mercado em que o lucro passa ser o detentor das concepções projetuais. A habitação passa a ser concebida como uma conjunção de interesses, manifesto em consórcios entre empresas, agentes públicos e interesses políticos sob a ordem de otimização de recursos e processos. Nessa equação o solo é também mercadoria e fator determinante do custo final do empreendimento, se desprovido de maiores impedimentos (topografia, restrições ambientais, legislação) converge a uma concepção de projeto que adequa o meio a suas condições e trata o morar desprovido das características específicas do lugar, assim como da identidade e da participação daqueles que o vão ocupar, reduzindo ambos a uma mediação monetária.

Quando se explora a ideia dos potenciais agentes, públicos e privados, o que se tem no horizonte é a **produção social do espaço urbano**, fato teoricamente consolidado a partir dos escritos de David Harvey, (HARVEY, 2006), e que fundamentalmente relacionam mudança social, desenvolvimento econômico e urbanização. Os desdobramentos desse ideário alcançam contemporaneamente complexidade elevada, *estabelecendo o indissolúvel entranhamento da produção social do espaço e os mecanismos estruturais do capital*, (GOTTDIENER, 2010, *apud* SHIMBO & LOPES, 2014:5).

ENTRANHAMENTO e ESTRANHAMENTO: duas figuras que movem essa pesquisa que se iniciou através da estratégia de ir ao território sem desenvolver aportes teóricos a priori: o que se intentava então era a possibilidade de realizar atividades de campo que o descrevessem. Nessa descrição, um cotejar de percepções, o repertório dos pesquisadores, suas vivências e experiências, e a realidade de um fenômeno em construção.

O mundo está ali antes de qualquer análise que eu possa fazer dele, (...). O real deve ser descrito, não construído, ou constituído. (...) O real é tecido sólido, ele não espera nossos juízos, (...). A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um

ato, uma tomada de posição deliberada, ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. (MERLEAU-PONTY, 1994:5).



Figura 1 – Sem título. Luciana Romero, 2016.

ESPACIALIDADE E ESTRANHAMENTO / PROJETO, ESPAÇO E LUGAR

De carro: por vias conhecidas atravessa-se São Carlos em direção à periferia da cidade. Avenida margeando o Córrego do Monjolinho; Shopping Center; vire à esquerda na avenida “01”; na avenida “02” à direita; chega-se rapidamente a uma rotatória e, ao longe, avista-se, em meio a um enorme descampado, o recorte transplantado do novo conjunto habitacional do programa “Minha Casa, Minha Vida”, nomeado Abdelnur. Vizinho a este, um empreendimento outro anterior, já consolidado, ali instalado há cinco anos, conhecido como Zavaglia.

Acessar um ou outro coube à pequena estrada rural ladeada por pastos e currais, que ainda preserva sua característica secular. A beleza desvendada pela via trazia à memória paisagens oitocentistas que aclamavam uma natureza rude, porém domesticada, em relação pretensamente harmônica com o homem que a ocupara. Mas, ao chegar à pequena cancela, à torre de alta tensão, à placa da construtora responsável pelo empreendimento, foi possível intuir a real distância dos conjuntos em relação à cidade.

Nomes do conjunto e seus dados em grande *outdoor*, limites rurais, imagem projetada em um campo aberto, longas extensões de moradias apresentavam-se associados. As formulações

objetivas: solução institucional a um problema habitacional complexo ou ainda a crítica a um modelo de habitar “destituído de urbanidade”, calaram-se frente à repetição das 900 casas. Sob a autorização dos encarregados pode-se experimentar com o corpo todo aquela espacialidade, despertando um estranhamento rerepresentado nas sucessivas visitas realizadas a partir de então.

A extrema precisão da área ocupada sobre o vazio dos pastos remetia à essencialidade do projeto como uma concepção abstrata, solta no espaço, destituída de uma relação com o(s) lugar(es). Uma imensa tábula fora preparada, afirmando-se como um contraponto adesivado (sobreposto) entre a extensão do céu e a amplitude dos campos abarcados por um golpe de olhar. A ideia estava ali manifesta, mais do que isso, construída, era como um ente encarnado onde poderíamos transitar. Uma representação volumétrica em escala 1:1 que poderia ser realocada, revista, aperfeiçoada de uma edição à outra em qualquer outro sítio. Porém, a afirmação de sua existência revelava que havia tão somente o espaço ocupado pelas moradas diminutas, repetíveis às centenas, concebidas sob a lógica da eficiência técnica e econômica, produzidas em larga escala e desprovidas de qualquer relação com o lugar original.

Sob essa orientação, o lugar enquanto “fenômeno qualitativo” constituído de coisas concretas, não redutível a uma ou outra propriedade, é posto à margem como um dos ordenadores da concepção projetual. Por conseguinte, o *lugar como potencial manifestação do habitar humano* apresenta-se ausente e a relação homem e meio passa a ser orientada por um valor de propriedade reconhecida nos contornos do objeto de morada: um desdobramento da noção de mercadoria que perpassa tanto a produção do edifício quanto o desejo de aquisição da casa própria.

Segundo Schultz, a partir da leitura de Heidegger, temos um lugar quando experimentamos um fenômeno concreto no espaço capaz de suscitar outros fenômenos como, por exemplo, um sentimento. Os acontecimentos que possam nele ocorrer, as memórias que possam ele comportar, os fazeres que possa propiciar articulam tempo e espaço fazendo dele um lugar. Um lugar então se realiza enquanto uma totalidade “constituída de coisas concretas que possam possuir uma substância material”, o que determina o que Schulz chama de “qualidade ambiental” - a essência do lugar - uma vez que o lugar é um fenômeno qualitativo e não redutível a uma ou outra propriedade como, por exemplo, um teto. (NORBERG-SCHULZ, 2013:445)

Nesse sentido, o lugar também não é redutível a quantidade ou a um caráter funcional, reduzi-lo a tal condição implica em não possuir um “aqui” concreto, com sua identidade particular. Como Schulz destaca, embora o simples ato de morar possa ser uma necessidade humana, pensar um espaço como absolutamente funcional, não contempla as diferentes maneiras de

fazê-lo. Isso por que “habitar uma casa significa habitar o mundo” (NORBERG-SCHULZ, 2013:448). Significa trazer o mundo para dentro pelo trabalho, pelo desejo do existe lá fora, pelos sentimentos e pelas conquistas que permitiram atravessar a soleira e dizer que aquelas paredes são minhas. Ainda que diminutas, semelhantes às centenas, o habitar se apresenta como ato de comunicação entre o dentro e o fora, os espaços livres e a sala.

QUADRO 02:

CAMINHAR, HABITAR: CONSTRUINDO QUESTÕES

O ato de percorrer, caminhar, fotografar implicava em continuamente deparar-se com o incômodo da grandiosidade do empreendimento, simultâneo a uma certa ironia quanto aos propósitos que o conceberam. Era reconhecer imagens avessas perante a insólita coexistência entre a produção em escala industrial e os sentidos do habitar. Em razão da contínua constatação das motivações econômicas e também das críticas ao modelo construído, quase como uma transgressão, a pergunta sobre o habitar se reafirmava: *afinal, o que é o habitar em moradas que não propiciam recantos, cuja recorrência parece esvaziar aquilo que é “meu”; inseridas em ruas desprovidas de escala, ladeadas por casas idênticas, matematicamente concebidas, construídas sob um céu que aplaina ainda mais as edificações? Onde não se encontra variação de escala, de cor, de possibilidades autênticas de vida privada e pública, de espaços livres verdejados, a não ser aquela que avista a quilômetros a cidade a encontrar com o céu?*

Enquanto estratégia metodológica o caminhar é vislumbrar as potencialidades e limites do espaço como sucessivas fronteiras a serem vividas e descobertas. É deparar-se com questões evocadas no espaço percorrido, ouvindo os estímulos, os chamados a cada esquina, a cada acontecimento, a cada edificação que se apresenta prenhe de possibilidades de ocupação e de sentidos. Mas é também não se fixar, percorrendo e transformando o espaço sem deixar rastros. Segundo Careri, “o caminhar, mesmo não sendo a construção física do espaço, implica em um ato perceptivo e criativo, ao mesmo tempo em que é leitura e escrita do território.” (CARERI, 2013:51).

Essa perspectiva não é completamente nova; sob disposições semelhantes, o caminhar inebriado do *flaneur* percorreu a Paris novecentista explorando-a em seus interstícios, revisitando-a em seus pequenos acontecimentos, compreendendo a cidade como uma escritura em constante mutação. Em seus percursos não se deixava sinais apenas à disposição em realizar uma coleta de percepções, de sensações a serem guardadas e revisitadas, seja na memória ou na câmera fotográfica como na fotografia de Eugene Atget. Na cidade contemporânea, o caminhar e a ato de registrar pode se apresentar como um modo

de preencher sentidos esvaziados, “intervir no contínuo devir dos espaços”, promover estratégico encontro entre um sentido possível de lugar e o ato de projetar. A experiência e sua imagem operando como uma forma de captura tempo-espacial, sendo capaz de disparar processos associativos que articulam diferentes campos do conhecimento, sendo utilizada dessa maneira não como ilustração de uma questão, mas como estratégia.

Por meio do caminhar, articula-se a produção histórica do espaço a uma condição fenomênica em que o registro opera associado a essa ação singularizando temporalidades, criando através das imagens a oportunidade de elaborar e desdobrar questões e significados, de visualizar o que havia sido escondido ou esquecido, ou mesmo, o novo.

Nessa pesquisa, o caminhar pelo MCMV, em especial no ainda não inaugurado Conjunto Habitacional Abdelnur, foi adotado como primeira orientação, visando explorar, registrar, interpretar o espaço percorrido tendo a fotografia como companhia. Porém, esse ato deslocava-se constantemente da experiência do espaço para o estranhamento entre o sentir e o compreender, entre o operar conceitos e o reconhecer possíveis vivências suscitadas pelo local.

Percebeu-se que o Programa era avesso a esse ato, impondo a constatação única e imediata: “isso são casas, apenas isso”. Essa afirmação tautológica, que se apresentava aos olhos do caminhante, motivou o estabelecer de contrapontos. O primeiro deles a abordagem livre guiada pelos chamamentos, pelos *anteparos* que aquele espaço poderia oferecer. A essa disposição, os pontos de fuga, as repetições milimétricas, a paisagem rasa dominou o olhar.

Como auxílio e estratégia foram estudadas diferentes linhagens fotográficas que pudessem incitar um recorte ao tema. Associado a isso, formularam-se perguntas que pudessem gerar imagens trazendo o desafio de ocupar e significar as centenas de casas vazias, valendo-se da liberdade de percorrer o espaço prestes a ser inaugurado que nos foi dado pelos encarregados da construtora. Essas questões, num primeiro momento, visavam deslocar os pesquisadores da afirmação recorrente encontrada no conjunto, trazendo diferentes dimensões de experiência do lugar, desde a morada até potenciais encontros, conformação de paisagem e memória. O que se reunia então era um caminhar e a possibilidade de registrar através de imagens fotográficas, que encontrava fôlego em questões disparadoras.

O núcleo básico de questões era o seguinte: Onde moro aqui? / Com quem me encontro? / Aonde finda o caminho? / Para onde olho e onde estou? / Qual a cor desse lugar? / Qual lugar onde recordo de mim aqui? / Quando eu saio daqui o que vejo?

A noção do “aqui”, implícita em muitas questões, não era retórica, ou redundância associada ao ato de morar, mas uma afirmação de pertencimento, de cumplicidade com o lugar e suas especificidades. Nesse gesto de registro e estratégia metodológica procurou-se reconhecer

um modo de habitar o espaço, de significá-lo concebendo-o como um lugar por meio da relação construída através das imagens e das palavras.

Essa ação refundava a relação original de estranhamento, o lugar ressurgia como condição de existência dessas formulações, as quais ele não poderia negá-las. Em certo sentido, o procedimento deu corpo ao espaço, embora frequentemente este resistisse reafirmando a repetição infinita das moradas. Em outros casos acolhia, admitindo um olhar afeito à ocupação do vazio inerte das residências. Constituí-lo pelas caminhadas, pelo registro inspirado pelas perguntas que tencionavam o sentido dominante do espaço foi um modo possível de “habitá-lo” e de significá-lo por meio da experimentação de uma miríade de imagens que evocavam o sentido do lugar e do habitar perante o empreendimento econômico que se observava.

Desse modo, a prática do caminhar revelava esse processo de encarnação de sentidos, que reunia o corpo em movimento, um olhar que capturava o que a atenção distinguia, inspirada por um imaginário suscitado pelas questões e que, finalmente, seria capaz de engendrar nova atenção, articulada uma vez mais quando as imagens se reunissem por sobre a mesa estabelecendo recortes, possíveis categorias, que não pretendiam mais do que descrever possíveis chaves que dialogavam com os sentidos formulados.

A ação contrapôs uma condição dissonante ao projeto repetível do Programa MCMV, instaurando um sentido que se encontrará em processo de construção também pelos moradores a partir do momento em que ocorra o processo de ocupação e se instale a casa, singularizando-a, dando a ela seu relato e sua cumplicidade pelos modos de vida, pelo decorar, distribuir e organizar os objetos.

Quadro 03:

ARQUITETURA E FOTOGRAFIA CONTEMPORÂNEA

O reconhecimento dessa tensão entre o projeto e um sentido avesso ao habitar encontrou na fotografia uma possibilidade de exploração junto a uma disposição de amplificar o que se experienciava. Para isso a fotografia não poderia ser pensada somente como um documento visual que acompanha um inventariamento ou ilustra uma crítica ao projeto, mas como um elemento ativo de exploração e reconhecimento de suas especificidades no embate com o espaço percorrido. Assim, o propósito foi o de abdicar, em um primeiro momento, do histórico e análises sobre o programa MCMV em favor da valoração da percepção do lugar por meio de visitas regulares ao campo.

O objetivo inicial era explorar o limite entre a percepção espacial e as questões que o local suscitava por meio da imagem, valendo do desconforto do observador (pesquisador) e da polissemia que a imagem fotográfica pudesse suscitar.

De outro modo, a produção fotográfica dirigida à arquitetura e ao urbanismo utiliza frequentemente o registro documental como descrição minuciosa do espaço, e também como meio de designar, identificar, analisar as localidades e edificações retratadas, estando comumente associado a outras informações projetuais ou de diagnóstico. Nestes usos, segundo Rouillé, o documento fotográfico ratifica uma concepção de verdade outorgada à fotografia¹ afirmando seu caráter prático (registrar, restituir, conservar), funcional (permanência, nitidez, visibilidade) e quantitativo (abundância de detalhes) sendo possível compreender a fotografia como modo de representação privilegiado em diferentes atividades da vida moderna (ROUILLE, 2009:62).

Entretanto, em usos semelhantes ao que aqui propomos, temos também a fotografia como meio de inquirição e inserção corpórea no espaço. Em trabalhos como *O Olhar Periférico*, Lucrécia Ferrara, (Edusp, 1993), a fotografia é utilizada como metodologia de pesquisa que visa estabelecer uma aproximação com o local e seus moradores valorizando a relação perceptiva para, em um segundo momento, proceder a interpretação e análise dessa base visual. Neste caso, temos uma fotografia como uma extensão do corpo no espaço, mas fundamentalmente como um dispositivo comunicacional gerador de informações que suscitam uma interação do observador em relação ao meio e com seus próprios interlocutores.

No caso dessa pesquisa, pretendeu-se aproximar do estranhamento identificado no sítio, primeiramente, por meio do caminhar em companhia da fotografia e, em paralelo, a interlocução com diferentes linhagens fotográficas encontradas na Fotografia Moderna e Contemporânea. Com isso, procurou-se constituir um corpo de referências e possibilidades estéticas originadas no próprio escopo da fotografia que dialogassem e permitissem refletir sobre as condições espaciais experimentadas no sítio de diferentes modos: quanto aos procedimentos técnicos; à relação com o referente; à disponibilidade em pensar e operar com a concepção de documento fotográfico e também com a montagem visual, uma vez que temos como horizonte a elaboração de “objeto gráfico” que articule texto e imagem. A questão então era: Como inquirir, dialogar com o espaço percebido por meio das imagens? Como compreender o próprio material produzido? Ou, de outro modo, por exemplo, o que significaria realizar o que Baudrillard chama de recuperar a “pensatividade” das imagens (2009)?

¹ Para Rouillé, a fotografia não é necessariamente um documento, mas possui um valor documental que varia conforme as circunstâncias. Ou seja: “Mesmo não sendo em sua natureza um documento, cada imagem fotográfica contém, no entanto, um valor documental que, longe de ser fixo ou absoluto, deve ser apreciado por uma variabilidade no âmbito de um regime de verdade – o regime documental.” (ROUILLE; A.; 2009; pág. 27).

Para isso, de diferentes maneiras, dois caminhos foram considerados para dialogarem com o estranhamento suscitado entre o habitar e a concepção espacial. O primeiro deles partilha da tradição alemã conhecida como a Nova Objetividade, estendendo às séries dos Becher (dec. 60-70), sendo que a essa abordagem podemos somar também os trabalhos dos New Topographics sobre as cidades americanas das décadas de 60-70. Nestas linhagens, o ato fotográfico apresenta-se em relação dialética ao percebido, ou seja, como uma visualidade dissonante, que opera não através do choque ou do instante, mas pelo reconhecimento de uma temporalidade longa que subjaz aquilo que é captado. Para isso, explora frequentemente um olhar não afetado por recursos próprios ao meio fotográfico, o qual se pretende neutro e objetivo, associado a uma disposição classificatória, comparativa, que visa sistematizar uma dada realidade. Trata-se de encontrar com a duração da imagem enquanto tempo dilatado capaz de revelar uma historicidade mais ampla. Em razão disso, a fotografia entra como argumento, como ocorrência de uma hipótese a ser construída e defendida.

Uma outra abordagem adotada foi a concepção de *fotografia direta*, vigente desde o final do século XIX a qual dá suporte a muitas práticas de fotorreportagem modernas e contemporâneas.² Tal linhagem tem a noção de verdade do documento fotográfico intimamente associado ao desenvolvimento de uma linguagem fotográfica pautada nas experimentações e possibilidades estéticas presentes na câmera fotográfica, em relação direta com o cotidiano das metrópoles. Contemporaneamente essa prática fotográfica passa a acolher a noção de verdade não como uma condição intrínseca à fotografia, mas como algo que pode ser moldado, revisto, trabalhado visando uma aproximação com um sentido expressivo ou imaginativo em interlocução direta com o espaço experienciado.³

² No final do século XIX, com o desenvolvimento de novas objetivas, câmeras e emulsões o fotógrafo sai às ruas a registrar o cotidiano. Busca o reconhecimento instantâneo do tema, da forma, da composição como se o momento exato dependesse apenas de uma conjunção de instantes possíveis de serem capturados pela câmera e apresentados em sua plenitude na duração da imagem. Ao fazê-lo, o fotógrafo partilha o tempo do não-apreensível com quem está nele imerso no cotidiano. Tal registro permite, então, recompor o instante perdido ou revelar sentidos inusitados valendo-se da mediação técnica do aparelho. Assim, amplia-se a variedade de fazeres fotográficos que exploram sistematicamente o urbano. Um bom exemplo disso é a “fotografia direta” (straight photography) proposta por Alfred Stieglitz (1864-1946).

³ Um dos trabalhos tomado como referência junto ao grupo de pesquisadores foi a obra *Paisagem Submersa* (Cosac Naify, 2008), em que uma população ribeirinha da região do Vale do Jequitinhonha encontra-se em vias de ser desalojada para dar espaço ao lago artificial de uma usina hidrelétrica. Essas imagens não apresentam um inventariamento do local ou das residências, ou mesmo trata-se de uma fotorreportagem como um relato identitário da localidade e de seus moradores, mas sim a apropriação de uma situação social encontrada, visando construir um trabalho documental imaginativo e ficcional.

QUADRO 04: DESCRIÇÕES TRANSVERSAIS – IMAGEM E TEXTO

A cumplicidade texto imagem aparece nessa pesquisa de diversos modos. Inicialmente através das questões formuladas e que foram estratégicas na criação de um imaginário que dava fôlego ao processo de obtenção de imagens. Essa prática tomou corpo quando da instalação de encontros nos quais os pesquisadores eram convidados a selecionar imagens que tivessem, através de sua concatenação, a força de uma narrativa. O convite ao estabelecimento de um *comentário não verbal* demonstrou-se desafiador de início: nossas práticas e lógicas comuns de pesquisa formulam hipóteses que são testadas na realidade, ou refletem acerca da mesma e procuram por imagens que corroborem dessa fala. Aqui havia o convite para que o caminhar na companhia da fotografia pudesse então ganhar corpo e voz.

As imagens eram colecionadas e suas posições alteradas na longa mesa criada para o exercício. Títulos, nomes, ou frases eram criados para denominar o conjunto de imagens; fazíamos agora o jogo às avessas, se antes as frases conspiravam como disparadoras de atenção e recorte de uma imagem, agora as imagens incitavam a construção do verbal. Para isso, o espaço da mesa era por excelência o local de encontro entre os diferentes tempos de concepção do trabalho: a memória do experienciado no local; a captação da imagem e suas opções técnicas e de linguagem; a revisão do trabalho por meio da seleção, tratamento e ordenação. Reunidas, essas ações eram atravessadas pelas questões propostas, posteriormente também por referências teóricas, as quais se somavam a elaboração de textos breves, pensados em equivalência com citações coletadas dos autores estudados. A diversidade de registros produzia uma fértil e, como dirá Didi-Huberman, uma “convivência inesperada”:

O exemplo da folha de bananeira mostra-nos, desde logo, toda a estranheza e fecundidade de uma mesa ou de uma prancha de atlas. Dispares podem ser os suportes, as regras de disposição, os objetos dispostos. Produz-se, sobretudo, uma convivência inesperada (...) entre classificação e desordem, ou, se quisermos, entre razão e imaginação. (DIDI-HUBERMANN, 2013:49)

O aporte teórico utilizado para ancorar tal estratégia se iniciara a partir da leitura do texto de Walter Benjamin sobre Nápoles (Ed. Brasiliense, 1987). Rico em imagens e paradigmático, o compartilhar do texto instalava um desejo de ampliar as frases na direção da imagem e vice-versa. O exercício se desdobrava na direção daquele agora lugar, plenamente habitado pelos pesquisadores, a despeito do inóspito, da aridez, da ausência. Toda ela fora tornada parte dessa experiência e dialogava com questões tanto da realidade, particulares e sutis, quanto gerais e Humanísticas.

À medida em que as visitas de campo se davam, e o processo de transformação do espaço do Conjunto Habitacional Eduardo Abdelnur tomava corpo, o grupo realizava um percurso na direção do outro Conjunto Habitacional da região, o quase vizinho Jardim Zavaglia, inaugurado em setembro de 2011. Constatou-se que, embora esteja com seu processo de ocupação bastante consolidado, a ausência de infraestruturas permanece: o espaço livre central sem qualificação de projeto é imagem desolada de abandono e depredação. As casas têm altos muros e portões, contudo, um tempo por ali nos mostra que a sociabilidade ainda se faz pelas calçadas, por vezes no meio da rua. O grupo vislumbrou nessa visita a possibilidade que se apresentava: o conjunto Abdernur, que acompanhávamos desde sua finalização estaria logo sendo sorteado e ocupado pelos proprietários, uma hipótese se desenhava: seria possível acompanhar o fenômeno de construção de um lugar?

QUADRO 05: ETAPAS E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Como se pode observar nesta apresentação da pesquisa, o caminhar e a produção fotográfica tiveram um papel proeminente, visando à construção de um discurso visual crítico.⁴ A partir desses elementos e de referências oriundas da fotografia, uma metodologia de trabalho foi desenhada através de diferentes atividades: produção de fotografias, avaliação das imagens, produção de textos, leitura e discussão de textos teóricos, exercícios de confronto entre imagem e palavra. Combinadas, essas ações compuseram as etapas de trabalho que apresentamos abaixo. Além disso, como produto fundamental de nossa pesquisa, pretende-se ainda desenvolver um objeto gráfico em que imagem e palavra estejam constantemente em tensão, dando forma as diferentes formulações e reflexões realizadas e abrindo novos sentidos ao material produzido. Nesse momento estão consolidados os seguintes movimentos que construíram os quadros apresentados:

1- Aproximação e sensibilização do espaço por meio da fotografia

Visitas a campo.

Produção de fotografias e saídas fotográficas.

2- Pensando a relação com o campo a partir de linhagens fotográficas

_Concepções de documento e paisagem na fotografia contemporânea.

_Linhagens fotográficas: Fotografia Direta x Fotografia Objetiva e Escola de Dusseldorf.

⁴ A pesquisa, produção de fotografias e reuniões periódicas contaram com a participação ativa e interessada dos seguintes alunos: Danielle Alencar Junqueira, Caroline Duarte, Renan S. Gomez, Letícia Santos Alencar, Luciana Francelin Romero, Beatriz Mega, Daniela Mortatti Miyahara. A atuação de cada um deles foi fundamental para realização desse trabalho vinculado ao Programa Unificado da USP (ano de vigência 2015-16).

3- O nosso olhar, a nossa relação com o espaço

- _Palavra e visualidade.
- _Perguntas que geram imagens: norteadoras das primeiras ações.
- _Como as questões caracterizam um modo de olhar?

4- Reinterpretando as imagens

- _A “mesa” como espaço de investigação;
- _Exercícios de edição.
- _Identificação de categorias.
- _Exercícios de texto e imagem (em andamento).

5- A Questão Urbana (leitura e discussão de textos)

- _Ermíria Maricato e Raquel Rolnik: a questão urbana e a moradia no Brasil.
- _Apresentação da pesquisa realizada pela professora Lucia Schmbo sobre o MCMV
- _Parâmetros analíticos de Raquel Rolnik.
- _Aproximações entre habitação e modelos de produção capitalista do espaço.
- _Seleção de citações e tópicos para confronto com as imagens.

6- Olhares do Outro

- _Fotografias e reinterpretações a partir das imagens produzidas pelos próprios moradores.
(em andamento)

Categorias formuladas pelo grupo a partir da seleção interpretação e ordenação das imagens:

- | | |
|------------------------------|-----------------------------|
| 01 Repetição e seriação. | 06 Espaços livres. |
| 02 Ocupação e singularidade. | 07 Acabado e inacabado. |
| 03 Limites e fronteiras. | 08 Materiais e mercadorias. |
| 04 Subversão e resistência. | 09 Memórias do Olhar. |
| 05 Cultura local. | |

A seguir apresentamos duas séries que estão sendo trabalhadas, as quais ainda vão receber textos que possam abrir outras interpretações as imagens.

REPETIÇÃO X OCUPAÇÃO E SINGULARIZAÇÃO



Figura 1 – Série sem título. Produção do próprio grupo, 2015.



Figura 2 – Série sem título. Produção do próprio grupo, 2015.

CONCLUSÕES (em movimento):

Quando se iniciaram as conversas entre esses pesquisadores, tínhamos duas propostas: um de nós pretendia investigar a qualidade dos espaços livres do Programa Minha Casa Minha Vida, faixa 1 na cidade de São Carlos; o outro tinha como objeto de pesquisa a degradação urbana na cidade de São Carlos.

A possibilidade de unirmos nossas questões animava o grupo que acreditava na perspectiva de aproximar fotografia e os estudos sobre o urbano e a paisagem. Conforme as discussões amadureciam, mais que uma aproximação entre campos do conhecimento desejávamos provocar uma tal cumplicidade que o resultado não pudesse mais ser visto em separado. Imagem e texto tinham como tarefa explicitar uma experiência de espaço, aquele, nas bordas da cidade, apartado e, aparentemente, desprovido de qualidades.

De saída, a opção pelas visitas a campo foi estratégia fundamental: *ir para ver*,⁵ curiosidade atenta, assombrar-se, revoltar-se, deixar que a espacialidade tão criticada pudesse falar. O desafio foi sempre como prosseguir com a pesquisa, tínhamos ideia de que ela era daquele tipo que sua feitura indicava caminhos. Assim, sabíamos de início que os estudantes não seriam encharcados de dados antes que fossem ver o que havia lá. E que voltaríamos muitas vezes, até que o olhar se acostumasse, que familiarizado fosse capaz de gerar imagens que começassem a contar histórias, como um registro singular de uma implantação, de um tema sobre o qual já muito se escreveu.

O ato de caminhar, de explorar, de registrar esse espaço demonstrou ser uma ação necessária e paradoxalmente inconsequente. Porém, justamente esse descompasso motivou o desenvolvimento do trabalho, orientado pela coexistência entre a ação produtiva em escala industrial do projeto, o sentido do habitar em suas diferentes dimensões e a prática fotográfica como companheira de percurso, meio de interlocução e desvendamento do percebido.

O que nos interessa desse percurso não é o que poderá estar nas linhas, mas entre elas. Aquilo que passados os anos será preenchido, de um modo ou de outro com a vida das pessoas. Procuramos promover ao grupo a possibilidade de experimentar uma metodologia que não é original, mas que está sujeita ao processo criativo e à capacidade de invenção daqueles que a compartilham, para com isso deixar um registro desse lugar que permanece apartado, mas que, aparentemente, perdeu sua mudez.

⁵ “*Ir para ver*: pra que seja possível superar a concepção abstrata do espaço contido nos frios dados descritivos e/ou quantitativos de memoriais e relatórios, é necessário o deslocamento concreto até o lugar urbano objeto de pesquisa acompanhado de uma atenção perceptiva para apreender a imagem e suas características”. (FERRARA, 1993 : 155).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão única. Obras Escolhidas vol II*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes. O caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gilli, 2013.
- DIRI-HUBERMAN, G. *Atlas ou a Gaia Ciência*. Lisboa: KKYM+EAUM, 2013.
- FERRARA, Lucrécia. *O olhar periférico*. São Paulo: EDUSP, 1993.
- INSTITUTO POLIS. *Estatuto da Cidade: guia para implementação pelos municípios e cidadãos*. Instituto Polis, São Paulo, 2002.
- LIMA R P. *Limites da legislação e o (des)controle da expansão urbana. São Carlos (1857 – 1977)*. Edufscar, São Carlos, 2008.
- MAIA, Ravena Sena - *A paisagem na fotografia documental contemporânea*. 2013: Dissertação de mestrado, UFF.
- MARICATO, Ermínia. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias, in *A Cidade do Pensamento Único, desmanchando consensos*, VOZES: Petrópolis, 2000, pp 121 a 192.
- MERLEAU-PONTY, M. *A fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. “O fenômeno do Lugar”. In Nesbitt, Kate, *Uma nova agenda para a arquitetura*. São Paulo: Cosac e Naify, 2013.
- SANTO AMORE, C. - *Minha Casa Minha Vida para iniciantes*, in SANTO AMORE C.; SHIMBO, L. Z.; RUFINO, M. B. C. (Org.). *Minha Casa... E a Cidade? Avaliação do Programa Minha Casa Minha Vida em seis estados Brasileiros*.
- SANTOS, Milton. *Técnica Espaço Tempo: Globalização e Meio-Técnico-Científico-Informacional*. EDUSP, São Paulo, 2008.
- SHIMBO, Lucia; LOPES, João Marcos. *Too much business and few policies: the role of major construction companies in the housing program “Minha Casa, Minha Vida” in non-metropolitan cities in Brazil*. In: ISA World Congress of Sociology, 18, 2014, Yokohama – Japão. *Anais...* Yokohama: ISA, 2014.
- SPOSITO M E B *Novos conteúdos nas periferias urbanas das cidades médias do Estado de São Paulo*, Brasil, *Investigaciones Geográficas*, n. 054, Boletín del Instituto de Geografía - UNAM, p.114-139, 2004.
- VILLAÇA, Flávio. *Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil*. In: DEÁK, Csaba; SCHIFFER, Sueli Ramos (Org.). *O processo de urbanização no Brasil*. 1ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.